

LEITURA, AQUILOMBAMENTO E PRODUÇÃO DE SABER: O CÍRCULO DE LEITURA COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO A PARTIR DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Sabrina Kelly Souza Araújo¹, Sahmaroni Rodrigues de Olinda², Tomas Jeferson de Sousa Henrique³, Nara Camilo Melo⁴

¹Graduanda em Letras pela Universidade Federal do Ceará, sabrinaksaraujo@alu.ufc.br

²Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará, sahmaronirodrigues@ufc.br

³Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará, tomazie.ufc@gmail.com

⁴Pedagoga pela Universidade Federal do Ceará, naracmelo43@gmail.com

Introdução

A leitura literária, no contexto brasileiro, foi historicamente marcada por processos de exclusão que definiram quais vozes seriam legitimadas como produtoras de conhecimento. Autoras negras, como Carolina Maria de Jesus, permaneceram por muito tempo à margem ou totalmente apagadas do cânone, ainda que suas obras expressem experiências fundamentais para a compreensão das desigualdades sociais, raciais e de classe, tão presentes na realidade brasileira.

Nesse cenário, pensar a leitura hoje implica compreendê-la como prática social situada, atravessada por experiências, identidades e relações de poder. Conforme discutem Koch e Elias (2006), o texto não existe de forma isolada, mas em função das interações que o constituem. Assim, a leitura deixa de ser apenas um exercício interpretativo e passa a ser entendida como prática de produção de sentidos que, por exemplo, correlaciona a experiência vivida individualmente à escrevivência presente nos textos literários.

Além disso, conforme propõe Conceição Evaristo (2009, p.1), a literatura negra é marcada “uma produção escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens negros e de mulheres negras na sociedade brasileira” ., o que implica reconhecer que a leitura também se constitui a partir dessas experiências. Ainda de acordo com a autora, esse processo de construção de enredo e personagens difere do cânone exatamente pela vontade de subverter esse sistema. Nesse sentido, ler não é apenas compreender um texto, mas reconhecer-se nele e produzir sentidos a partir da própria trajetória.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo analisar o Círculo de Leitura Carolina Maria de Jesus, desenvolvido na Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Ceará (UFC), como espaço de práticas de leitura contemporâneas que articulam formação crítica, produção de saber e aquilombamento no contexto universitário.

Metodologia

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza descritivo-reflexiva, fundamentada na experiência vivenciada no Círculo de Leitura Carolina Maria de Jesus, realizado na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará.

O círculo constitui-se como espaço aberto à comunidade, com forte participação de estudantes universitários, especialmente de cursos de licenciatura. A inserção da pesquisadora ocorreu inicialmente como participante, passando posteriormente a integrar o colegiado e atuar como

mediadora em encontros, função exercida de forma rotativa, o que reforça o caráter horizontal das práticas de leitura desenvolvidas pelo grupo.

Os encontros são organizados a partir da leitura de obras de mulheres negras e LGBTQIA+, incluindo textos literários, produções musicais e literatura infantil, ampliando as formas de leitura para além do texto escrito. Como procedimentos metodológicos, foram utilizados a observação participante, o registro das experiências e a análise reflexiva das práticas de leitura construídas no grupo. A análise fundamenta-se em perspectivas que compreendem a leitura como prática social e política, dialogando com Paulo Freire (1996), ao entender a leitura como forma de interpretação crítica do mundo.

Resultado e discussão

Os círculos de leitura são conceituados como uma modalidade de prática leitora realizada coletivamente em um contexto situado aquém da sala de aula e “[...] orientado por um leitor-guia, ou mediador de leitura” (Bohm; Marangoni, 2011). Nesse aspecto, o Círculo de Leitura Carolina Maria de Jesus surge como uma proposta de democratizar o acesso às obras literárias contemporâneas de autoria feminina, negra, indígena, LGBTQIA+, sustentado essencialmente na leitura por fruição. Portanto, as práticas de leitura desenvolvidas no Círculo de Leitura evidenciam uma ampliação das formas tradicionais de leitura no contexto universitário. Ao se afastar do modelo centrado na interpretação individual e normativa, o círculo promove uma leitura coletiva, situada e atravessada pelas experiências dos participantes, cuja maioria identifica-se como parte desses grupos de pessoas marginalizadas e se encontram quizenalmente.

Nesse espaço, a leitura assume uma dimensão que articula o literário, o político e o sentimental humano. As obras não são apenas analisadas em sua estrutura, mas discutidas a partir das vivências dos sujeitos, o que evidencia que os sentidos não estão apenas nas formações sintáticas feitas perfeitamente, mas na relação do texto com o leitor e vice-versa. Tal perspectiva aproxima-se da concepção de leitura como prática social, na qual o sujeito participa ativamente da construção de sentidos (Koch; Elias, 2006), utilizando de sua trajetória de vida e/ou acadêmica como parte diferencial da interpretação.

O círculo também se configura como um espaço de aquilombamento¹ dentro da universidade, ao criar um ambiente que foge do cânone literário hegemônico e valoriza produções historicamente marginalizadas. A escolha de autoras como Carolina Maria de Jesus e a leitura de obras como *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, tensionam as formas tradicionais de legitimação do conhecimento literário dentro da academia. Assim, subvertendo não só o currículo estabelecido, porém todo um ciclo social que marginaliza, apaga e mata pessoas como as autoras estudadas e os participantes do projeto. Assim, consolida-se enquanto espaço que valida epistemologias estas que sequer são idealizadas dentro do espaço acadêmico.

Nesse contexto, o círculo de leitura configura-se como um espaço que demanda e potencializa a multimodalidade, ao mobilizar diferentes linguagens (literária, musical, verbal) na construção coletiva de sentidos. Tal dinâmica amplia a experiência leitora, deslocando-a de uma prática

¹ O conceito de aquilombamento refere-se à construção de espaços coletivos de resistência, pertencimento e produção de saber entre sujeitos historicamente marginalizados. Adota-se essa definição por engendrar uma reflexão de quilombo não apenas como uma formação histórica localizada, mas como uma prática que se ressignifica temporal, geográfica e simbolicamente. Nesse sentido, o aquilombamento reafirma o quilombo como estratégia de existência, articulando memória, identidade e luta política em diferentes contextos sociais, inclusive na academia enquanto uma instituição de poder (Evaristo, 2010; Nascimento, 1994).

centrada na decodificação para uma vivência social, interativa e sensível. Ao se engajarem em diferentes formas de expressão, como a fala, a escrita, o uso de imagens e outros recursos, os participantes assumem uma postura ativa na produção de significados, em consonância com as discussões de Moita-Lopes e Rojo (2004, p. 37-38) sobre os multiletramentos:

o fato de que a linguagem não ocorre em um vácuo social e que, portanto, textos orais e escritos não têm sentido em si mesmos, mas interlocutores (escritores e leitores, por exemplo) situados no mundo social com seus valores, projetos políticos, histórias e desejos constroem seus significados para agir na vida social.

Desse modo, a multimodalidade não apenas diversifica as práticas de leitura, mas também impacta diretamente a vivência dos sujeitos dentro da academia, favorecendo o surgimento de novos sentidos, construídos de maneira colaborativa e atravessados por suas experiências, afetos e repertórios culturais, assim ‘aquilombando’ dentro dos muros da universidade.



Encontros do livro *Um defeito de cor* (2006) - finalizado em 2026.1

Outro aspecto relevante refere-se ao caráter interseccional do grupo, composto por sujeitos diversos que compartilham experiências marcadas por diferentes formas de opressão. O espaço do círculo possibilita a construção de um ambiente de escuta e acolhimento, no qual a partilha de experiências se organiza a partir do reconhecimento de múltiplas vivências.

Essa dinâmica evidencia que a leitura coletiva pode produzir não apenas interpretações, mas também conhecimento e vínculos sociais. A partilha de experiências, articulada à leitura das obras, contribui para a formação de sujeitos críticos e para a construção de redes de apoio e produção acadêmica. Desse modo, observa-se que o círculo de leitura amplia as formas de ler no contexto universitário, ao integrar dimensão estética, política e formativa, reafirmando a leitura como prática coletiva e transformadora.

Conclusão

A análise do Círculo de Leitura Carolina Maria de Jesus evidencia que a leitura literária, quando desenvolvida em espaços coletivos e interseccionais, pode constituir-se como prática de produção de saberes e formação crítica. O círculo amplia as formas tradicionais de leitura ao integrar diferentes linguagens, experiências e perspectivas, evidenciando que ler é também interpretar o mundo e posicionar-se diante dele.

Além disso, o espaço atua como prática de aquilombamento dentro da universidade, ao valorizar vozes e produções historicamente marginalizadas e ao promover o reconhecimento dos sujeitos como leitores e produtores de conhecimento. Assim, conclui-se que práticas de leitura como as

desenvolvidas no círculo contribuem para tensionar os modelos hegemônicos de ensino de literatura, afirmando a leitura como prática social, política e transformadora.

Palavras-chave: Leitura literária; Letramento; Aquilombamento; Literatura negra; Formação crítica.

Referências

- BOHM, Verônica; MARANGONI, Marli Cristina Tasca. **CÍRCULO DE LEITURA: RESSIGNIFICANDO EXPERIÊNCIAS.** Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, [S. l.], v. 16, n. 1, 2011. DOI: 10.22456/2316-2171.16567. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/16567>. Acesso em: 31 mar. 2026.
- EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade.** 2009.
- EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira.** In: Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte: Mazza, p. 132-142, 2010.v
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KOCH, Ingedore V.; ELIAS, Vanda M. **Ler e escrever: estratégias de produção textual.** São Paulo: Contexto, 2006.
- NASCIMENTO, Abdias do. **O Quilombismo: Uma alternativa política afro-brasileira.** In: Sankofa: resgate da cultura afro-brasileira. Rio de Janeiro: Seafro, 1994.
- MOITA-LOPES, L. P.; ROJO, R. H. R. Linguagens, códigos e suas tecnologias. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares de Ensino Médio** Brasília, DF: MEC/SEB/DPEM, 2004. p. 14-56.

FRPED